

**Janete Costa** Um olhar



# Janete Costa Um olhar

curadoria **Mario Costa Santos**



Museu Janete Costa de Arte Popular Niterói RJ



## **Um olhar para o interior**

Falar de arte e artesanato brasileiros é falar da Janete.

Falar da Janete é lembrar-se de uma mulher que, com sua humildade, abria portas sempre, construindo e aglutinando com determinação e intuição. Ela era tudo ao mesmo tempo. De maneira genial misturava emoção com razão, trabalho e lazer, popular e erudito, paixão e técnica em tudo que fazia.

Corajosa, ela nos ensinou que a insegurança proporciona o questionamento que provoca a curiosidade que resulta em conhecimento. “Não se pode gostar de algo que não se entenda e conheça bem”, dizia ela, como lembra Geraldo Costa, seu irmão.

Nasceu no interior e venceu. Curiosa, conheceu o mundo, e quanto mais descobria e aprendia, mais valorizava suas raízes. Fez escola em arquitetura de interiores trazendo de volta o Brasil para o interior da casa brasileira.

Sempre acordada e pronta a ajudar, Janete queria resolver o mundo. E, sem descuidar de sua trajetória profissional, era mulher, esposa, mestra, amiga e acima de tudo uma GRANDE MÃE.

Seus filhos  
*Claudia, Lúcia, Mario, Roberta*



Desde que construímos o MAC, percebemos que uma parte de seus visitantes era atraída mais pela arquitetura genial de Oscar Niemeyer do que propriamente pelas extraordinárias exposições de arte contemporânea, que, diga-se de passagem, jamais ficaram a dever alguma coisa a iniciativas do gênero realizadas em várias outras partes do mundo. Com a globalização, os artistas em atividade hoje têm uma enorme identidade entre eles, independentemente de fronteiras ou continentes. As motivações, as angústias e a necessidade de criação são as mesmas, universalizaram-se. O mundo é um só. Exposições de arte contemporânea em Nova York, Paris, Tóquio ou Rio de Janeiro assemelham-se. Já o MAC, com as linhas de Niemeyer desenhadas no mirante da Boa Viagem, só existe aqui. Nada se assemelha ao museu de Niterói.

Ao contrário da arte contemporânea erudita, digamos assim, o Brasil tem algo absolutamente diferente e único: a sua arte popular. O que o nosso povo mais humilde cria não se parece com obras de arte de nenhum outro lugar no planeta. Do mesmo modo que vivemos a globalização, temos uma identidade cultural própria muito forte.

O Museu Janete Costa, que fica a apenas dois minutos do MAC, vai funcionar como um poderoso complemento aos visitantes deste. Será possível ver a arquitetura de Oscar Niemeyer e também a arquitetura brasileira do século XIX; será possível, em uma mesma visita, apreciar a criatividade de nossos artistas contemporâneos e a criatividade dos nossos artistas populares de hoje e de tempos atrás.

O entusiasmo que nos levou a fazer o Museu de Arte Popular foi construído dentro de nós por Janete, uma das pessoas mais extraordinárias que tive a honra e a sorte de conhecer. Ela, que foi uma das maiores incentivadoras de nossos artistas do povo, dizia uma coisa totalmente certa: para entender a arte é preciso aprender a olhá-la. Muita gente às vezes vê um Portinari, um Di Cavalcanti, um Matisse, um Picasso ou um outro gênio qualquer, e não se emociona com as obras nem tampouco as admira. E por quê? Porque não aprendeu a olhar. A função do nosso Museu Janete Costa de Arte Popular é precisamente esta: ensinar a olhar.

Queremos, especialmente, que a parcela da população de Niterói que ainda não conhece as manifestações artísticas de várias regiões brasileiras possa se familiarizar com elas. É uma forma de fazer crescer ainda mais, em cada um de nós, o orgulho de pertencer a este grande país e fazer parte deste povo tão especial.

A ideia da criação do novo museu de Niterói saiu da cabeça de Janete, a quem a cidade fica devendo esta iniciativa. E, ao batizá-lo com o seu nome, estamos homenageando o brilhantismo, a ousadia, a criatividade, a originalidade e a inteligência da mulher genial e querida que ela foi.

Niterói, 28 novembro de 2012 (dia em que a saudade de Janete Costa completou quatro anos).

*Jorge Roberto Silveira  
Prefeito de Niterói*



**Arsenio Pereira Pimentel**

Cabeças masculinas, sem data Cerejeira envernizada, 25 x 23 cm Madeira natural, 23 x 19 cm  
Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



## **Uma mulher generosa**

O Museu Janete Costa de Arte Popular nasceu da iniciativa do prefeito Jorge Roberto Silveira, com o intuito de homenagear a grande especialista na arte do povo brasileiro. Além de sua importante atuação na arquitetura de interiores, onde sua personalidade marcante se destacava, Janete Costa foi notável estudiosa e divulgadora de nossa arte popular. Seu trabalho não se limitou às atividades formais de especialista, ao contrário, Janete Costa saía em campo, no corpo a corpo, esquadinhando este Brasil grande, procurando, conhecendo e divulgando a obra de nossos talentosos artistas do povo.

Janete Costa, com propriedade, não fazia diferença entre arte popular e erudita, arte popular e arte contemporânea. Ela procurava qualidade e expressão; com seu olhar sensível e experiente, sabia ver e nos ensinar quando estávamos diante de uma obra excepcional. Na verdade, Janete foi mais do que isso, ela foi responsável pela criação de diversas coleções, apresentando a arte popular ao universo de conhecimento e à apreciação dos mais importantes colecionadores de arte brasileira. Janete Costa foi a grande incentivadora da introdução da arte popular na casa brasileira.

Portanto, nada mais merecido que emprestar o nome de Janete Costa a este Museu, com suas áreas amplas, ateliê para artistas populares trabalharem à vista do público, espaços arquitetônicos pensados por Mario Santos para abrigar nossos artistas do povo.

Niterói eleva-se com esta realização. Temos o Museu de Arte Contemporânea, com a arquitetura genial de Oscar Niemeyer; o Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro, Palácio do Ingá; na antiga residência do grande pintor paisagista Antônio Parreiras, seu museu

monográfico; um pouco mais adiante, o Solar do Jambeiro, que abriga a coleção Quirino e Hilda Campofiorito, e, diante dele, o Museu Janete Costa de Arte Popular. Todas essas instituições encontram-se sediadas no mesmo bairro, formando, assim, um interessante circuito de museus, um verdadeiro passeio artístico.

Quem teve a oportunidade de conhecer Janete Costa foi, certamente, transformado por sua generosidade; aprendeu a reconhecer o valor da arte popular brasileira, a olhar o mundo vendo-o diferente, a ser um pouco mais generoso; aprendemos todos a ser um pouco melhores.

*Claudio Valério Teixeira*  
Secretário de Cultura de Niterói



**Maria Gomes da Silva** Sem título, sem data Cerâmica 50 x 17 x 17 cm Coleção Mario Santos



## **Janete Costa** Um olhar

Para a inauguração do Museu Janete Costa de Arte Popular, pensei em uma exposição que revelasse uma síntese da arte popular brasileira. A tarefa era difícil, pois eu teria de trabalhar dentro de um extenso universo que expressa toda a riqueza cultural de nosso país. Em cada região do Brasil encontramos tradições, vocações, valores, matéria-prima e características próprias, e os artistas locais espelham e desenham as condições econômicas e culturais dessas regiões.

Sou filho da Janete, e, como tanta gente, com ela aprendi muito sobre a vida e sobre a arte. Na hora de decidir o que expor na primeira mostra de um museu dedicado a ela, a emoção acabou por comandar o critério de seleção. Escolhi peças de artistas e de mestres com os quais minha mãe tinha relação direta ou indiretamente, tanto nas pesquisas que fez durante sua vida profissional quanto na relação pessoal com a arte e o artesanato populares que teve na infância no lugar onde nasceu, no interior de Pernambuco.

Além de filho da Janete, sou arquiteto. Mesmo com escritórios separados, sempre fizemos parcerias, trabalhando juntos em vários projetos em segmentos distintos, como, por exemplo, a hotelaria, em que inevitavelmente privilegiávamos a divulgação e a introdução da arte e do artesanato brasileiros, mostrando a importância e a qualidade de nossas raízes, abrindo espaço no mercado para toda uma população de artistas e artesãos, que assim podiam vencer a pobreza e mudar a qualidade de vida de suas comunidades.

Permitam-me contar uma pequena lembrança do contato da Janete com os artistas e artesãos. Eu adorava viajar com ela. Observava tudo atentamente e aprendia muito. Mais do que escolher e selecionar, ela me ensinou a enxergar a beleza nas coisas e nas pessoas. Tive oportunidade de ir com minha mãe ao interior de Pernambuco, e lá vi como era impressionante o fascínio que ela exercia sobre os artesãos. Nos lugares por onde passávamos, a necessidade era grande, mas a presença dela deixava as pessoas esperançosas. “Dona Janete chegou!”, saíam espalhando. E lhe diziam: “A situação não está boa, mas, se a senhora está aqui, vai melhorar”. E ela fazia o possível para ajudar. Porém, muito sabiamente, mesmo sendo uma superprotetora de todos que precisassem dela, não exercia um paternalismo quando se tratava da arte espontânea do povo. Dizia com franqueza o que achava da obra de um artista. Não interferia jamais na produção nem desviava o olhar do artista para um horizonte além das suas origens. Dava-lhe incentivo para continuar criando, e isso, sim, despertava nele a perspectiva de uma vida melhor e de reconhecimento por sua arte. No caso dos artesãos, limitava-se, às vezes, a sugerir que uma pequena alteração nas dimensões de uma peça ajudaria a vendê-la. E sempre mostrava respeito pelo trabalho.

Juntos, fizemos várias exposições de arte popular e museografias no Brasil e no exterior, e elaboramos orientações para a produção artesanal visando a preservar a qualidade e ajudando a formar um público consumidor disposto a compreender o fator sociocultural que a obra artesanal carrega. Criamos uma afinidade e uma identidade na forma de expor. A Janete sempre gostou de fazer museus. Nos últimos anos, sonhava em dedicar-se exclusivamente à função de pesquisar e incentivar arte popular. Assim, criamos uma equipe especializada em museus dessa natureza juntando os dois escritórios, o meu, do Rio de Janeiro, e o dela, de Recife, com o arquiteto Acácio Borsoi e minha irmã Roberta Borsoi, e juntos, em família, continuamos o trabalho que nossa mãe começou, colaborando na abertura de novos espaços expográficos por todo o país, como o Centro de Arte Popular em Belo Horizonte, cujo projeto desenvolvemos a partir de um esboço feito por ela.

A maioria das obras aqui expostas faz parte da coleção reunida ao longo de muitos anos por Vilma Eid, proprietária da Galeria Estação, em São Paulo, que faz um trabalho importantíssimo de exposição de arte popular. A Janete fez várias curadorias usando peças da coleção da Vilma, que ela considerava

uma grande coleção. Além disso, há peças cedidas pelo Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro, Coleção Janete Costa, e algumas de minha coleção pessoal, que ganhei de presente de minha mãe.

Não tive a pretensão de fazer grandes analogias de ordem cronológica ou regional, nem de materiais. O que busquei foi destacar a qualidade artística e estética comprometida com aspectos socioculturais, com a expressão de valores que fazem jus à riqueza da cultura popular brasileira. O resultado é uma pequena mostra que reúne o referencial cultural brasileiro dentro de um universo de espetaculares artistas que representam a qualidade, o valor e a importância destes que, com suas criações, abrem caminhos para uma imensa mão de obra artesanal.

### **Uma homenagem a Janete**

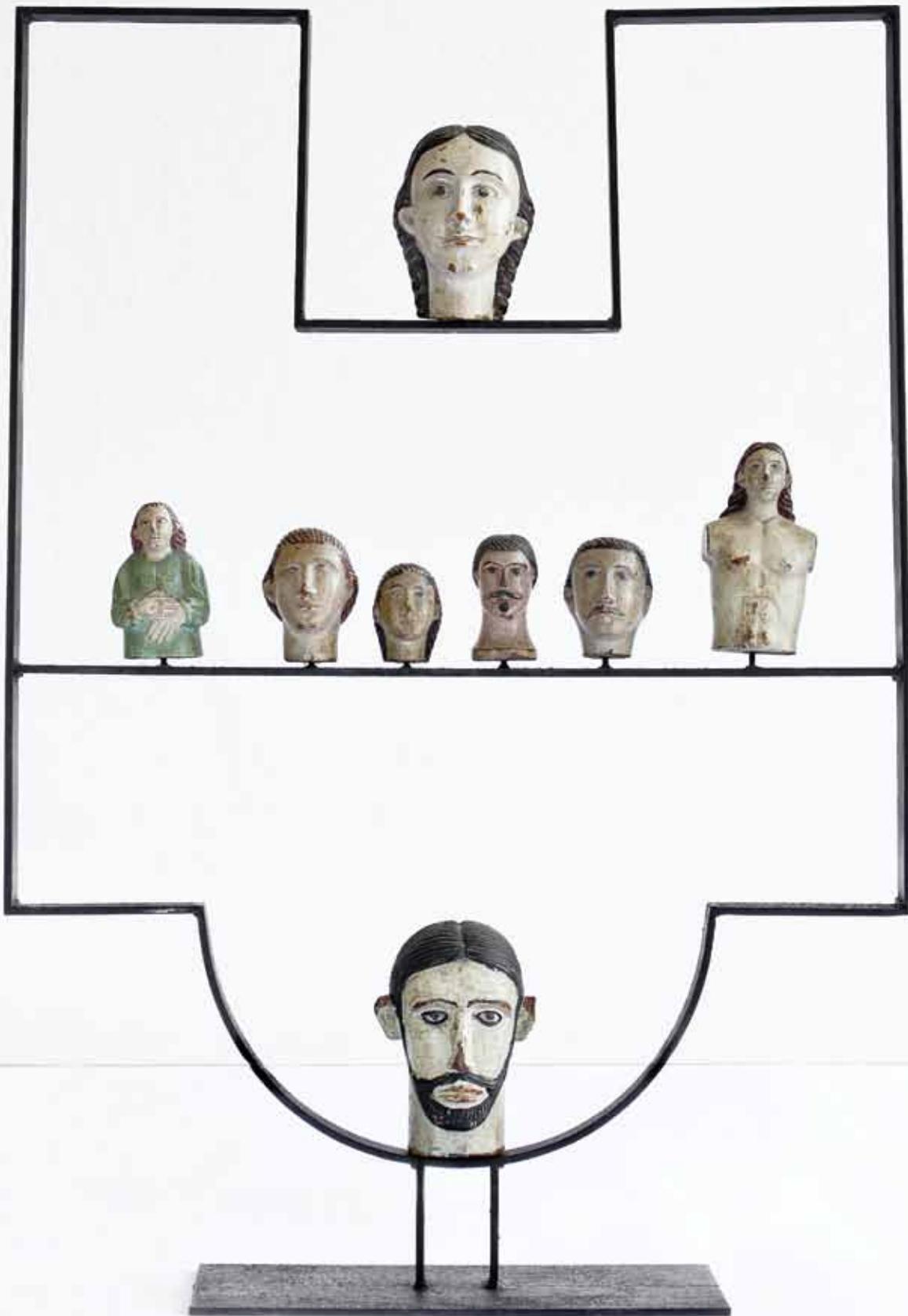
Pensei numa exposição em que cada peça, por suas características, fizesse sua própria homenagem a Janete. Seja pela *fragilidade expressiva* do barro, como no caso de mestre Vitalino retratando cenas do cotidiano da sua região, e no de Dona Isabel com suas bonecas quase sempre vestidas em roupa de festa, em cenas de ternura de *mulher e mãe*. Seja pela força *desbravadora* das peças da Ana das Carrancas, *pernambucana* que, como vários nordestinos em busca de água, fez potes e, ao se encantar com o rio São Francisco, passou a moldar carrancas quase como forma de espantar a seca. E não posso deixar de falar do mestre Galdino, que escrevia uma história para cada peça criada. Um misto de escultor, ceramista e poeta.

A homenagem se expressa também na  *simplicidade orgânica natural* da madeira esculpida pelo GTO, que talhava a própria história em rodas vivas, repletas de equilíbrio formal entre cheios e vazados, retrato de sua comunidade. Na africanidade das esculturas do Agnaldo, retrato da Bahia em figuras de natureza antropomórficas com influências do outro continente, mas com absoluta *originalidade*. Está presente na *generosidade* da jaqueira, que forneceu enormes troncos aos quais o Manoel da Marinheira, *talento*so artista que ficou conhecido nacionalmente, deu forma de animais da fauna brasileira e felinos. E na *genialidade* do Adalton, conhecido ceramista fluminense, que misturou técnicas e materiais dando vida e movimento ao cotidiano do povo com engenhosidade e cor. E,

para finalizar de forma inesperada, nas obras de Aurelino dos Santos,  
o *arquiteto* de formas, cores e paisagens com referências variadas, pintadas  
em duas dimensões.

Um passeio pelo Brasil e sua diversidade, uma explosão criativa exposta  
num labirinto de obras de arte, onde cada peça surpreende e revela  
regionalidade, expressando cultura e brasiliade.

*Mario Costa Santos*  
Curador





Flavio Tavares diz com estilo e precisão que a morte com o seu rito tem mais vida que a vida.

À vida de Janete Costa não importou a morte pois de mais vida ela se fez, a persistir no seu comando de amor.

Janete Costa jamais ancorou em horas. Ocupou-se da libertação dos gestos. Teve exata percepção do conceito amplo de Cultura, sob o ponto de vista antropológico. Seu entusiasmo era pelas humanidades.

É do que este núcleo de arte popular dá a boa medida.

Ela entendeu Cultura como o abarcar todo o pensar e todo o fazer humanos. Soube exaltar as habilidades técnico-utilitárias populares, por isso andou o Brasil inteiro. Soube compreender tudo o que há de libertador e de integrador na Cultura. Por isso, suas mão cuidaram tão bem da arte contemporânea – coitada, ainda tão questionada –, dos traços da arquitetura, do confortável na ambientação, da voluptuosidade das curvas do barroco, da sonoridade do carnaval de Olinda, do brilho dos vidros, da opacidade de madeiras, do cheiro das comidas de milho ou do vatapá.

A tudo deu trato. A tudo deu lugar.

Janete Costa viveu aberta ao sincretismo da diversidade, sublinhando as diferenças para melhor refletir o Brasil e melhor se solidarizar com os amigos. Viu o Brasil como um pertence. Acolheu forças e meios tornando-os úteis. Contemplou convergências e divergências, insurgências e ressurgências.

Que grande figura, Janete Costa.

E não consigo me controlar e proclamo: que grande cozinheira foi também minha comadre Janete!

*Marcos Vinícius Vilaça*  
Da Academia Brasileira de Letras



## **Janete Costa: arte e transformação**

Cada texto tem a sua história peculiar, sua maneira específica de se estruturar e de se desenvolver. Para nós, que vivemos da escrita, o texto parece um indivíduo, algo como um filho que criamos, orientamos, mas nem sempre temos sobre ele o domínio de sua vida, a plena posse de suas narrativas. Olho para a página em branco (sim, reconheço, sou por vezes um personagem jurássico que ainda se assusta e se fascina com a folha em branco ao invés da luz gelada de uma tela de computador) e nela vejo estampada a figura encantada de Janete Costa. Sigo o rumo do seu sorriso e sobre a sua imagem adiciono algumas palavras, algumas linhas e algumas ideias sobre essa querida amiga, luz permanente em todos nós que a amamos. Ainda hoje – e agora – vejo o seu rosto e ouço a sua voz, nosso delicioso sotaque pernambucano agreste e carinhoso como a alma de nossa gente, do nosso povo que ela, Janete, mais que interpretar, soube amar e valorizar.

Janete Costa entendeu com sensibilidade e talento inigualáveis que um espaço interno de vivências, convívios e intimidades é bem mais do que a reunião de peças de qualidade, de *griffes* famosas, de unidades estilísticas ou temáticas, de recônditos desejos de ascensão social. Arquiteta de interiores, criadora de espaços, Janete entendia seu ofício como um ato de cultura. Por isso era generosa e variada, curiosidade permanente na elaboração de relações estéticas que se harmonizavam num espaço através de formas, cores e volumes que ela integrava com impressionante capacidade, dando ao todo clareza e integridade como se estivéssemos vivendo e convivendo numa pintura de Gauguin ou Matisse.

Para alguns o passado é compreendido de maneira sedentária; a tradição parece se afirmar com a criação de espaços anacrônicos e meramente

**Nuca de Tracunhaém**  
**(Manuel Borges da Silva)**  
Sem título, sem data  
Cerâmica  
70 x 60 x 30 cm  
Coleção Vilma Eid

sacralizantes. Para outros, como Janete, esse permanente relacionamento com a história da arte era a alavanca para projetar e construir espaços contemporâneos, pertinentes e adequados a nossa realidade. Hoje a arte é ferramenta intelectual de comunicação e descoberta de um mundo. O processo de livre experimentação artística tornou-se um elemento tão significativo quanto a tradicional obra de arte a qual fomos acostumados a ver nos museus. Grande parte da produção e do pensamento artístico passa a ser estabelecida a partir de trocas sociais mais intensas: a preocupação de fazer uma arte que admita e valorize a diversidade cultural é constante. Surgem assim trabalhos pensados para espaços específicos e a arte passa a ser interpretada como instância capaz de promover novas visões da realidade. Levam-se em conta as necessidades pessoais e coletivas, que aparecem a todo instante pelas trocas e vivências e nas quais o público, o artista, o artesão e o técnico acabam por se mesclar. O espaço artístico característico da contemporaneidade é portanto múltiplo, plural, diversificado e se estabelece a partir de situações de troca e deslocamento. Janete nos demonstra isso a cada instante, a cada trabalho.

Personagem fundamental no universo artístico brasileiro, Janete Costa sabia que a atividade artística potencializa as vocações intrínsecas da nossa espécie e o consumo cultural garante dignidade ao ser humano. Por isso, o artesanato era para ela um tema fundamental. E a arte popular, presença constante em suas criações. Tive o privilégio de trabalhar com ela na mostra *Viva o povo brasileiro*, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro durante a Eco 92. Graças a ela, a mostra transformou-se num êxito espantoso, reunindo peças de artistas populares de todo o Brasil. Regente do espetáculo, Janete, com o auxílio de uma pequena equipe de ferreiros, carpinteiros e montadores, desenhava no local bases e suportes específicos para cada peça selecionada, criando ambientes e instalações que se impunham de forma substantiva no espaço, superando conceitos limitadores de antigas cenografias. Durante a montagem pedi a ela um pequeno texto para o catálogo. Ela me olhou um pouco assustada e me disse: “Não sou muito boa nessa coisa de texto não, isso é com você. Meu trabalho é esse aqui”, e seguiu agarrada a um saco de folhas secas recolhidas pelo jardineiro e que ela com elegância transformou em piso para onças e jacarés de madeira produzidos por um artista da Amazônia. No final do dia, como eu ainda insistia no texto, ela me propôs o seguinte: “Vamos fazer assim, eu falo e você dá o texto, pode ser?”. Eu concordei, peguei essa mesma folha de papel e transcrevi o que ela me disse. “Eu nasci em Garanhuns. Quando criança, tinha uma boneca de louça francesa, mas ela era muito frágil e eu preferia brincar com as bruxas de pano: esse foi meu primeiro contato com o artesanato do meu povo. Para se compreender a obra de arte é preciso primeiro vivenciá-la e depois permitir-se a necessária distância

crítica. Vivi em meio aos objetos da criatividade popular; sonhava em trocar a moringa por uma geladeira. Mas o tempo foi me mostrando a beleza da sua forma singela e através da elaboração intelectual deixei de ser apenas consumidora para transformar-me em observadora cultural, não apenas catalogando o universo popular, mas buscando também valorizar e respeitar os criadores coerentes com seu mundo e seu cotidiano. O que define o artista é a capacidade de atrelar seu capital cultural a seu universo social. Os artistas populares são aqueles que têm a necessidade de criar e abrir novos caminhos à produção artesanal, mais comprometida com as tradições, condição que acaba por definir seu principal caráter. Por isso, se não devemos interferir na produção do artista, podemos definir alguns pontos de ação e de orientação na produção artesanal, visando inclusive a preservar a sua qualidade e colaborando na formação de um público consumidor mais sensível, disposto a compreender toda a complexa engrenagem sociocultural que qualquer obra artesanal carrega.” Janete para sempre!

*Marcus Lontra Costa*  
Rio, novembro de 2012





**Adalton Fernandes Lopes**

Grupo de Folia de Reis, sem data Cerâmica Altura 12,5 cm  
Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



**Adalton Fernandes lopes**

*Espantalho*, sem data Cerâmica 12 x 14 cm

*Vendedor de bolas*, sem data Cerâmica 33 x 6,5 cm

Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



**Adalton Fernandes lopes**

*Sapateiro*, sem data Cerâmica 12 x 14 cm

*Eletricista*, sem data Cerâmica 21,5 x 8,5 cm

Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro

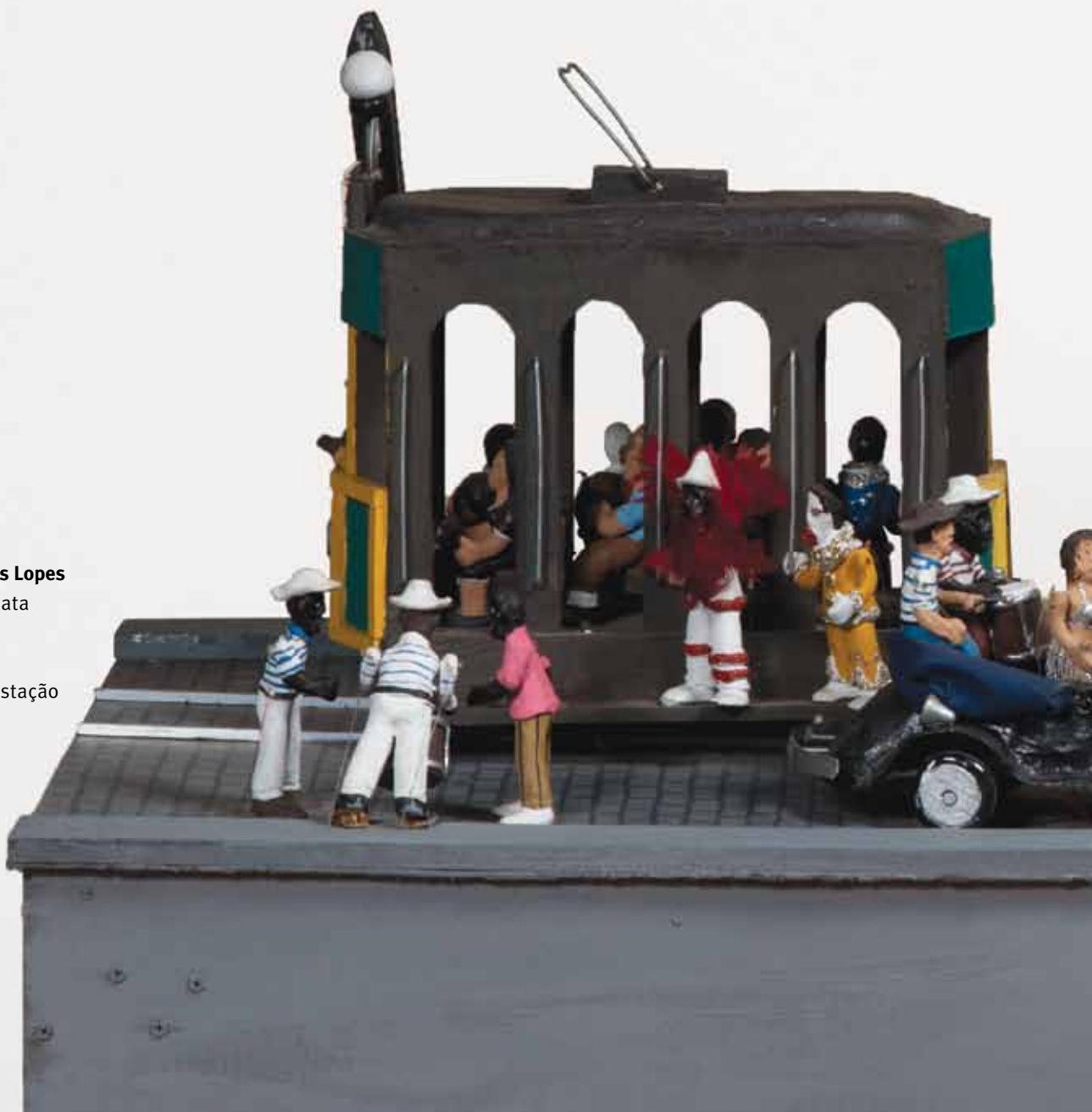
**Adalton Fernandes Lopes**

Sem título, sem data

Técnica mista

82 x 123 x 78 cm

Coleção Galeria Estação







32 Autoria desconhecida, sem data Cerâmica Coleção Mario Santos



**Ana das Carrancas** *Carranca com barco*, sem data Cerâmica 51 x 58 cm  
Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



**Mestre Galdino**

*O patrono dus pretinhos*, 1994 Cerâmica 43 x 32 x 22 cm Coleção Mario Santos

*Laços gramáticos*, 1994 Cerâmica 78 x 30 x 30 cm Coleção Mario Santos

*Marco do mei-do-mundo*, 1994 Cerâmica 78 x 30 x 30 cm Coleção Mario Santos





**Mestre Galdino**

Sem título, 1994 Cerâmica 117 x 40 x 39 cm Coleção Mario Santos

Sem título, 1994 Cerâmica 107 x 34 x 30 cm Coleção Mario Santos

*Pessa os seres da natureza*, 1993 Cerâmica 100 x 40 x 33 cm Coleção Mario Santos





**Izabel Mendes da Cunha**

Sem título Cerâmica Coleção Galeria Estação  
Década de 70 83 x 23 x 23 cm 2009 80 x 32 x 23 cm



**Izabel Mendes da Cunha**

Sem título Cerâmica Coleção Galeria Estação  
2008 80 x 30 x 22 cm Década de 70 76 x 23 x 23 cm







**Nuca de Tracunhaém (Manuel Borges da Silva)**

Sem título, década de 70 Cerâmica 55 x 69 x 25 cm Coleção Vilma Eid

**42** Sem título, sem data Cerâmica 61 x 27 x 74 cm Coleção Vilma Eid





**Nuca de Tracunhaém (Manuel Borges da Silva)**

Sem título, década de 70 Cerâmica 52 x 24 x 56 cm Coleção Vilma Eid

Sem título, sem data Cerâmica 58 x 25 x 70 cm Coleção Vilma Eid







**Ulisses Pereira Chaves** Sem título, sem data Cerâmica 30 x 11 x 60 cm Coleção Vilma Eid



**Ulisses Pereira Chaves**

Sem título, sem data Cerâmica 41 x 22 x 15 cm Coleção Galeria Estação

**48** Sem título, sem data Cerâmica 50 x 35 x 17 cm Coleção Galeria Estação



**Ulisses Pereira Chaves**

Sem título, sem data Cerâmica 35 x 20 x 18 cm Coleção Vilma Eid  
Sem título, sem data Cerâmica 37 x 28 x 15 cm Coleção Vilma Eid



**Ulisses Pereira Chaves**

Sem título, sem data Cerâmica 46 x 34 x 11 cm Coleção Galeria Estação

**50** Sem título, década de 70 Cerâmica 79,5 x 39,5 x 15,5 cm Coleção Galeria Estação





**Manuel Eudócio**

*Casal de noivos*, sem data Cerâmica policromada 19 x 19 x 17,5 cm



**Mestre Vitalino**

Sem título, sem data Cerâmica policromada 15 x 18 x 14 cm Coleção Vilma Eid



**Mestre Vitalino** Sem título, sem data Cerâmica policromada 19 x 11 x 14 cm Coleção Vilma Eid



**Mestre Vitalino** *Casal de noivos*, sem data Cerâmica policromada 21 x 8 x 20 cm Coleção Vilma Eid









**Mestre Vitalino** *Dr. Advogado*, sem data Cerâmica 16 x 14 x 10 cm Coleção Vilma Eid



**Mestre Vitalino**

Sem título, sem data Cerâmica policromada 16,5 x 9 x 21,8 cm Coleção Vilma Eid

*Novilho e vaqueiros*, sem data Cerâmica policromada 16 x 21 x 15 cm Coleção Vilma Eid



**Mestre Vitalino**

*Cachorro abocanhando teju*, sem data Cerâmica policromada 10 x 25 x 8,5 cm

*Lampião*, sem data 28,5 x 9,5 x 6,5 cm Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



62 Agnaldo Manoel dos Santos *Figura sentada*, década de 50 Pau-brasil 62 x 26 x 26 cm Coleção Vilma Eid



**Agnaldo Manoel dos Santos** *Exú*, década de 50 Pau-brasil 46 x 18 x 16 cm Coleção Vilma Eid



**Antonio de Dedé**

Sem título, 2011

Tinta acrílica e madeira

210 x 22 x 22 cm

Coleção Galeria Estação

Sem título, 2011

Tinta acrílica e madeira

202 x 22 x 19 cm

194 x 22 x 23 cm

Coleção Galeria Estação





66     **Antonio de Dedé** Sem título, 2010 Tinta acrílica e madeira 50 x 130 x 22 cm Coleção Galeria Estação



**Antonio de Dedé** Sem título, 2010 Tinta acrílica e madeira 28 x 120 x 34 cm Coleção Galeria Estação 67





**Antonio de Dedé**

Sem título, 2010

Tinta acrílica e madeira

142 x 159 x 25 cm

Coleção Galeria Estação

Sem título, 2010

Tinta acrílica e madeira

160 x 25 x 27 cm

Coleção Galeria Estação



**Artur Pereira**

*Galhada de bichos*, sem data

Madeira

172 x 75 x 61 cm

Coleção Vilma Eid

Sem título, sem data

Madeira

93 x 26 x 46 cm

103 x 40 x 36 cm

Coleção Vilma Eid









**Artur Pereira**

*Coluna*, década de 70  
Madeira  
103 x 62 x 44 cm  
Coleção Galeria Estação

*Galhada*, sem data

Madeira  
174 x 132 x 83 cm  
Coleção Vilma Eid







**José Pereira** *Coluna de bichos*, sem data   Madeira   1,18 x 32 cm   Coleção Mario Santos



**Artur Pereira**

Sem título, sem data

Madeira

103 x 40 x 36 cm

Coleção Galeria Estação



**Chico Tabibuia**

*Saci três irmãos*, 2006

Madeira

128 x 48 x 52 cm

Coleção Galeria Estação



**Chico Tabibuia**

*Barco fantasma*, sem data   Madeira   55 x 37 x 110 cm   Coleção Vilma Eid

**80**      *Exú relógio*, sem data   Madeira   80 x 21 x 29 cm   Coleção Vilma Eid







**Chico Tabibuia**

Sem título, sem data   Madeira   100 x 34 x 52 cm   Coleção Galeria Estação  
Sem título, sem data   Madeira   46 x 32,5 x 73 cm   Coleção Galeria Estação



**Conceição dos Bugres** Sem título, sem data Madeira 35 x 32 x 31 cm Coleção Galeria Estação  
*Bugres*, sem data Madeira 67 x 25 x 26 cm Coleção Galeria Estação







**Mestre Expedito** Sem título, sem data Madeira 95 x 84 x 26 cm Coleção Janete Costa





### Fernando da Ilha do Ferro

Cadeira, sem data Madeira 120 x 89 x 94 cm Coleção Galeria Estação

Banco, sem data Madeira 47 x 46 x 34 cm Coleção Galeria Estação

Banco, sem data Madeira 56 x 35 x 42 cm Coleção Galeria Estação



**Fernando da Ilha do Ferro**

*Cadeira em raízes*, sem data Madeira 125 x 48 x 49 cm Coleção Mario Santos

**90** *Cadeira*, sem data Madeira 131 x 47 x 51 cm Coleção Galeria Estação





**92** **Ubaldino Biquiba Guarany** *Carranca com barco*, sem data Cedro policromado 51 x 58 cm  
Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



**Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany** Carranca, sem data Cedro policromado 87 x 24 cm  
Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro





**GTO (Geraldo Teles de Oliveira)** sem título, sem data Madeira 70 x 49 x 25,5 cm Coleção Vilma Eid





**GTO (Geraldo Teles de Oliveira)**

*Rodas com corrente*, década 70 Madeira 207 x 51 x 15 cm Coleção Vilma Eid

Sem título, sem data Madeira 95 x 52 x 15 cm Coleção Galeria Estação

Sem título, 1992 Madeira 86 x 44 x 10 cm Coleção Galeria Estação



**Jadir João Egídio**  
Sem título, década de 70  
Madeira  
210 x 45 x 9 cm  
Coleção Galeria Estação

Sem título, década de 70  
Madeira  
154 x 70 x 15 cm  
Coleção Galeria Estação





100

Jadir João Egídio *Ciranda*, década de 70 Madeira 80 x 64 x 53 cm Coleção Galeria Estação



Jadir João Egídio *Ciranda*, década de 70 Madeira 45 x 60 x 37 cm Coleção Galeria Estação 101



102

Família Julião *Coluna de bichos*, década de 70 Madeira 54 x 30 cm Coleção Mario Santos



**Luiz Benício** *Ema*, década de 70 Madeira 155 x 42 x 104 cm Coleção Roberta Borsoi





**Itamar Julião**  
*Onça*, sem data  
Madeira  
52 x 80 x 122 cm  
Coleção Galeria Estação

**Itamar Julião** *Leão*, sem data Madeira 25 x 79 x 26 cm Coleção Rene Fernandes Filho



**Itamar Julião** *Leão*, sem data Madeira 41 x 46 x 124 cm Coleção Galeria Estação





**José Bezerra**

Sem título, sem data Madeira 46 x 62 x 145 cm Coleção Galeria Estação





110

**José Bezerra** Sem título, 2007 Madeira 62 x 29 x 70 cm Coleção Galeria Estação



**José Bezerra** Sem título, 2011 Madeira 48 x 20 x 66 cm Coleção Galeria Estação



**José Bezerra**

Sem título, 2011 Madeira 40 x 20 x 62 cm Coleção Galeria Estação

**112** Sem título, 2011 Madeira 75 x 43 x 47 cm Coleção Galeria Estação





### Zé do Chalé (José Cândido dos Santos)

Sem título, sem data Madeira 40 x 16 x 17 cm Coleção Galeria Estação

Sem título, sem data Madeira 58 x 18 x 18 cm Coleção Galeria Estação

Sem título, sem data Madeira 65 x 17 x 19 cm Coleção Galeria Estação







### Zé do Chalé (José Cândido dos Santos)

Sem título, sem data   Madeira   65 x 20 x 9 cm   Coleção Galeria Estação  
Sem título, sem data   Madeira   74 x 20 cm x 14 cm   Coleção Galeria Estação  
Sem título, sem data   Madeira   53 x 20 cm x 14   Coleção Galeria Estação



**Zé do Chalé (José Cândido dos Santos)**

Troféu, sem data   Madeira   51 x 11 x 6 cm   Coleção Galeria Estação

Sem título, sem data   Madeira   48 x 16 x12 cm   Coleção Galeria Estação









**Zé do Chalé (José Cândido dos Santos)**

Sem título, sem data   Madeira   10 x 11 x 11 cm   Coleção Galeria Estação

Sem título, sem data   Madeira   50 x 11 x 11 cm   Coleção Galeria Estação





124

**Louco** Sem título, sem data Jacarandá 95 x 24 x 24 cm Coleção Mario Santos



**Maurino** Sem título, sem data Cedro policromado 60 x 30 x 23 cm Coleção Mario Santos



#### Nicola

*Cabeça de apóstolo*, Sem data Madeira 80 x 67 cm Acervo Museu Janete Costa de Arte Popular

*Cabeça de Cristo*, Sem data Madeira 80 x 90 cm Acervo Museu Janete Costa de Arte Popular







**Manoel da Marinheira** Sem título Madeira 47 x 182 x 32 cm Coleção Janete Costa

**Mudinho (Manoel Ribeiro da Costa)**

*Homem de pé rezando*, sem data   Madeira   75 x 17 cm   Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro

*Mulher de pé*, sem data   Madeira   83 x 17 cm   Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro

*Sereia*, sem data   Madeira   79,5 x 17 cm   Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro







**Mudinho (Manoel Ribeiro da Costa)**

Gamelia pato, sem data   Madeira   12 x 59 x 15 cm

Gamelia galinha, sem data   Madeira   29,5 x 70 x 19 cm

Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro



**Mudinho (Manoel Ribeiro da Costa)**

*Homem com mãos nos joelhos*, sem data   Madeira   84 x 27 cm   Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro  
*Menino sentado*, sem data   Madeira   47 x 20 x 20 cm   Coleção Mario Santos



**Nino (João Cosmo Félix)**

Sem título, sem data 104 x 32 x 25 cm Madeira Coleção Galeria Estação

134 Sem título, sem data 150 x 29 x 43 cm Madeira Coleção Galeria Estação









**Nino (João Cosmo Félix)**

138    *Coruja*, sem data    Madeira 109 x 24 x 22 cm Coleão Galeria Estação





### Nino (João Cosmo Félix)

Sem título, sem data 102 x 19 x 38 cm Madeira Coleção Galeria Estação

Sem título, sem data 95 x 20 x 11 cm Madeira Coleção Galeria Estação

Vaca, sem data 116 x 29 x 27 cm Madeira Coleção Galeria Estação





**Alcides Pereira dos Santos**

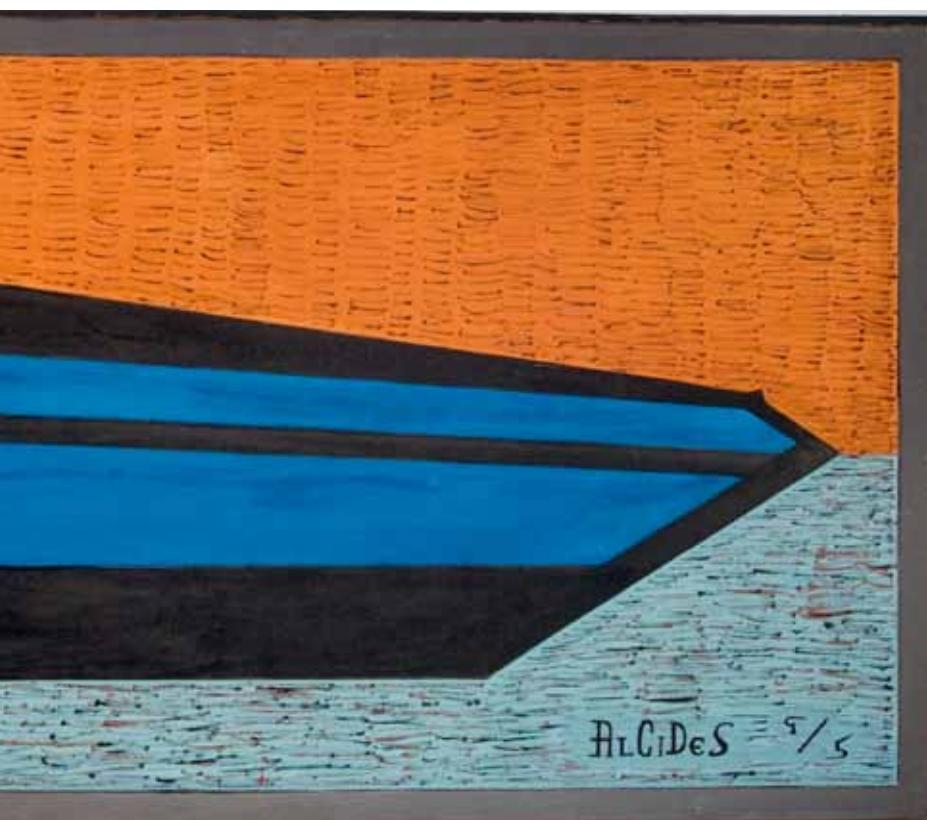
142

*A natureza*, 2006 83 x 130 cm Acrílico sobre tela Coleção Galeria Estação



R: NATUREZA. RICIDES..... 20. 6





**Alcides Pereira dos Santos**  
*Uma lancha carinada*, 1995  
Acrílico sobre tela  
73 x 216 cm  
Coleção Galeria Estação

*Navio*, 1995  
Acrílico sobre tela  
75 x 227 cm  
Coleção Galeria Estação



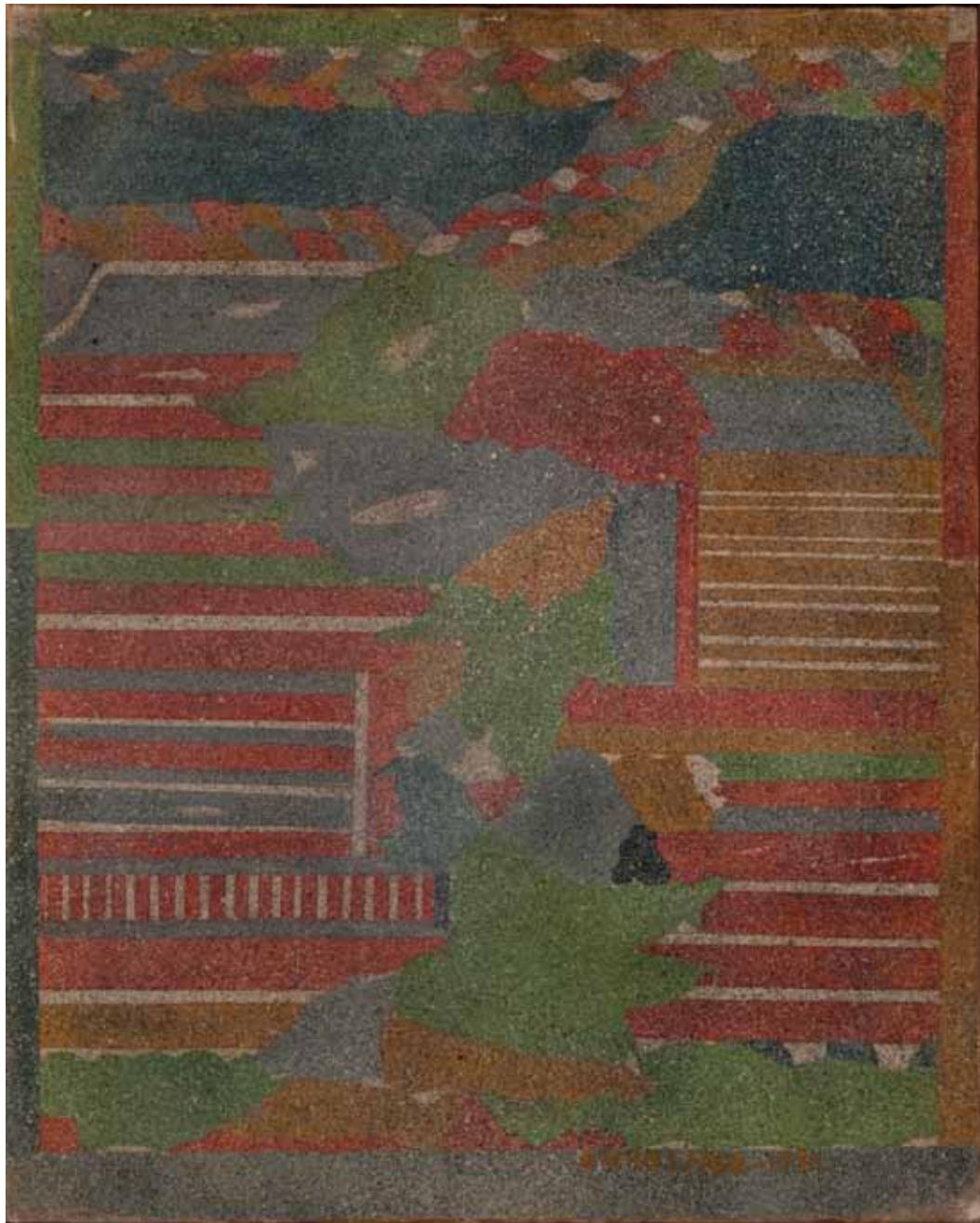


**Aurelino dos Santos** Sem título, 1991 Óleo sobre tela 69 x 59 cm Coleção Galeria Estação





**Aurelino dos Santos** Sem título, 2009 Acrílico sobre tela 120 x 90 cm Coleção Galeria Estação





**Aurelino dos Santos** Sem título, 1990 Óleo sobre tela 50 x 40 cm Coleção Galeria Estação

Páginas seguintes **José Antonio da Silva**

*Painel e personagens*, 1986 Óleo sobre madeira 400 x 220 cm Coleção Galeria Estação







**Bajado (Euclides Francisco Amâncio)**

**154**

*A cirandinha*, 1980 Óleo sobre eucatex 38 x 68 cm Coleção Galeria Estação



**Bajado (Euclides Francisco Amâncio)**

*O nosso pastoril*, 1976 Óleo sobre eucatex 30 x 59 cm Coleção Galeria Estação





**Bajado (Euclides Francisco Amâncio)**

*Viva o homem da meia noite*, 1976 Óleo sobre eucatex 30 x 59 cm Coleção Galeria Estação

## PREFEITURA DE NITERÓI

Prefeito Niterói

**Jorge Roberto Silveira**

Secretário Municipal de Cultura

**Claudio Valério Teixeira**

Subsecretário Municipal de Cultura

**Cássio Tucunduva**

Subsecretário de Planejamento Cultural

**Dalto Roberto Medeiros**

Presidente da Fundação de Arte de Niterói

**Marcos Sabino**

Superintendente Cultural

**Francisco Aguiar**

Superintendente Administrativo

**Ivan Macedo**

Secretaria Municipal de Educação

**Maria Inês Azevedo de Oliveira**

Subsecretária de Educação

**Cléa Monteiro Mello Rocha e Silva**

Subsecretária de Projetos Especiais

**Maria Cristina Ferreira de Carvalho Caparica**

Presidente da FME

**Luiz Fernandes Braga**

**Janete Costa: Um olhar novembro 2012**

**MUSEU JANETE COSTA DE ARTE POPULAR**

## EXPOSIÇÃO

Curadoria

**Mario Costa Santos**

Museografia e iluminação

**Arqmede Arquitetura Ltda**

**Mario Costa Santos, Eliane Amarante, Denise Niemeyer**

Produção executiva

**Miriane Amarante Santos**

Montagem

**Rebecca's Art**

**Arqmede Arquitetura Ltda**

Fotografia

**Leonardo Costa**

Vídeo

**Francisco Baccaro**

Logomarca do Museu

**Roberta Borsoi**

## CATÁLOGO

Coordenação editorial

**Germana Monte-Mór**

**Vilma Eid**

Desenho gráfico e produção gráfica

**Germana Monte-Mór**

Fotos

**João Liberato**

**Francisco Baccaro** páginas 14, 19, 87, 103, 126, 128, 129

Secretaria

**Giselli Gumiero**

Revisão de textos

**Otacílio Nunes**



Rua Presidente Domiciano 178 - 182  
Ingá, Niterói, RJ cep 24210 271

**PREFEITURA DE NITERÓI**

Secretaria Municipal de Educação  
Secretaria Municipal de Cultura

## AGRADECIMENTOS

ÁGUAS DE NITERÓI  
ARQMEDE ARQUITETURA  
CARLOS REBECCA  
CLÁUDIA SANTOS  
DORA SILVEIRA  
FRANCISCO BACCARO (Fotografia)

GALERIA ESTAÇÃO  
GISELLI GUMIERO  
JOÃO LIBERATO (Fotografia)

LUCIA SANTOS  
LEONARDO COSTA (Fotografia)

LUCIENE MARTINS CAVALCANTE

MARCUS LONTRA COSTA

MARCOS VINICIOS VILAÇA (Academia Brasileira de Letras)

MUSEU DE HISTÓRIA E ARTES DO RIO DE JANEIRO

PATRÍCIA BARATTÀ

ROBERTO EID PHILIPP

RODRIGO DINELLI

THAINÁ PORTO

VILMA EID

VIRIATO MATTOS

JORGE ROBERTO SILVEIRA (Prefeito de Niterói)

CLAUDIO VALÉRIO TEIXEIRA (Secretário de Cultura)

### Núcleo de Restauração de Bens Culturais de Niterói

FERNANDA COUTO TEIXEIRA (diretora)  
MARCIA HELENA VAZ TEIXEIRA (arquiteta)  
MARCELLO LISBOA SALDANHA (arquiteto)  
ELISABETE MARTELLETI GRILLO PEREIRA (restauração artística)  
ALINE ARAUJO GABETTO DE MAGALHÃES NORONHA (restauração artística)  
FERNANDA MELEGARI TEIXEIRA (apoio administrativo)  
LUCIO VIANA DE OLIVEIRA (apoio administrativo)  
ALINE M. NAUE (estagiária)  
WILLIAN RIBEIRO RAMOS (estagiário)

### Bela Vista Restaurações Artísticas Ltda

ABSALÃO DA CUNHA SILVA  
ANGÉLICA DE OLIVEIRA BÁRBARA  
ANTÔNIO SÉRGIO TEIXEIRA  
BRUNO DIEGO VIANA  
FLÁVIO RODRIGUES  
JOÃO BATISTA TEIXEIRA  
LEONARDO VERÍSSIMO DA SILVA  
MÁRCIO DA SILVA OLIVEIRA  
MAYCON DE MACEDO FREIRE  
PEDRO TEIXEIRA DE OLIVEIRA  
SINVAL TEIXEIRA DE OLIVEIRA

## Luxor Construções

ANDRÉ LUIZ DA SILVA MATTÀ  
ANTONI NUNES DE MENDONÇA  
CARLOS RODRIGUES SOUZA  
CLAUDIA SANTANA DO NASCIMENTO  
CLAUDIO PASSOS SIQUEIRA  
CHRISTIAN NASCIMENTO ALVES  
ELEONORA BASTOS LOPES NINOMIYA (arquiteta)  
ENOQUIO FERREIRA SALDANHA  
ERICK FERREIRA  
FÁBIO APSUNÇÃO SILVA  
FELIPE MOTA SOUZA  
FERNANDA DE SOUZA SILVA RODRIGUES  
FRANCISCO JOSÉ DA SILVA  
JOSÉ ROBERTO VINAGRE MOCARZEL (engenheiro)  
JOSÉ SOARES DE AZEVEDO FILHO  
LUCIANA FIGUEIREDO RABELO (arquiteta)  
LUIS EDUARDO CASTRO CAROLINO  
LUIZ CARLOS FERREIRA  
LUIZ FERNANDO SILVA DE SOUZA  
MARCELO DE OLIVEIRA SILVA  
MÁVIO ELÍSIO  
NEWMAR ELIAS  
NUBIA NUNES DOS SANTOS  
PAULO ROBERTO MACHADO  
PAULO SÉRGIO DAMASCENO  
PEDRO SÉRGIO BARRETO BASILIO (engenheiro)  
PRISCILA FREITAS SEPÚLVEDA  
PRISCILLA MONÇAO DA COSTA NETO  
RICARDO MOREIRA MECA (assessor da presidência)  
RODRIGO DE MELLO  
ROSANE MONTEIRO PINTO (arquiteta)  
ROSANGELA DA SILVA  
SAMIRA HADDAD  
SIMONE DA CONCEIÇÃO SALDANHA  
TERCIA APARECIDA V. FERREIRA DOS SANTOS  
VALDEIR ROCHA DA SILVA  
VALDINEIA DE SOUZA SILVA  
VANIA DE OLIVEIRA  
VANIA MARIA DA ROCHA TRUGANO DOS SANTOS  
WAGNER MOTA  
WALLACE FERREIRA  
WELLINGTON LUIZ DA SILVA COUTO  
WILLIAN PEREIRA DA SILVA  
YVAN FATTORI (engenheiro)

## AOS TRABALHADORES QUE FIZERAM ESTE MUSEU

ADRIANO DOMINGOS  
ADRIANO FLORENTINO  
ALEX DE SOUZA DE MOURA  
ALUÍZIO VENANCIO DA SILVA  
ANDERSON ALBERTINE  
ANDERSON LIMA DA SILVA  
ANGELO MARCIO PACHECO DE SOUZA  
AUGUSTO COSTA  
CARLOS CÉSAR RIBEIRO  
CLAUDEMIR GOMES  
CLAUDIO SANTOS FLORENCIO  
CLOVIS SANTANA RODRIGUES  
COSME MOREIRA PAPA  
DANIEL DA SILVA HERMÍNIO  
DAVID LEITE  
DOUGLIONAN  
EDILSON ANTÔNIO DE MOURA  
EDSON SOUZA DOS SANTOS  
ERCILIO RODRIGUES CHAVIER  
FABIANO RODRIGUES DOS SANTOS  
FLAVIANO JACINTO DA CRUZ  
FLAVIO NERI CANDIDO  
GERALDO BENVINDO DAMIÃO  
GILSON CAMPOS PEREIRA  
HELTON LUIZ DE FREITAS SANTOS  
HERLY CUNHA FILHO  
HUGO OLIVEIRA SANTOS  
IVANILDO GOMES DA SILVA  
JEAN CARLOS GOMES DOS SANTOS  
JOÃO PORFIRIO DA SILVA  
JORGE AUGUSTO FERREIRA DOS SANTOS  
JORGE LEONARDO GOMES DOS SANTOS  
JORGE LUIS GOMES DOS SANTOS  
JORGE LUIZ FARIA DOS SANTOS  
JOSE DE SOUZA LUDOVICO  
LEANDRO DE ANDRADE GUIMARÃES  
LIONALDO NATALINO  
MAGNO DE OLIVEIRA FERREIRA  
MARCELO SILVEIRA  
MARCOS MEIRA  
MARCOS VALERIO DA SILVA CORREA  
MARIO FIRMINO PEREIRA JUNIOR  
MOISÉS RODRIGUES  
NILTON DA SILVA LIMA  
PAULO HENRIQUE DA SILVA ARAUJO  
PAULO MORAES DIAS  
PAULO VICTOR ELIAS  
RAFAEL COSTA BONFIM DO ESPIRITO SANTO  
RAFAEL SILVA NASCIMENTO  
RICARDO ALVES  
ROBERTO PAULO DA SILVA  
RODRIGO CARDOSO DOS SANTOS  
ROGÉRIO GOMES  
SEBASTIÃO JOSÉ DA SILVA  
SILVIO SALGADO GONÇALVES  
UANDERSON DE SOUZA FARIA  
UILDES DE SOUZA SILVA  
VALDECY PAULO DA SILVA(BOCA BRANCA)



Este livro foi composto em **Metakorrespondenz Roman**  
para os textos e **Metakorrespondenz Bold** para os títulos,  
e impresso na primavera de 2012, com tiragem de 2000  
exemplares, na Lis Gráfica, Bonsucesso, São Paulo.

